

## Por entre permanências, aprendizagens e transcendências: (re) criando vínculos numa perspectiva psicopedagógica e inclusiva

João Beauclair - [joabeauclair@yahoo.com.br](mailto:joabeauclair@yahoo.com.br)

### Resumo:

Este texto é a expressão de um desejo: buscar na escritura a vã tentativa de eternizar o vivido, registrar o ocorrido, reter o experienciado. Trata-se da apreensão subjetiva de um educador que, em suas vivências de ensinanteaprendente e aprendenteensinante, ousa criar novos significados e sentidos para a prática do aprender/ensinar, com o estabelecimento de um modus operandi de ser-e-estar em sala de aula que busca recriar vínculos numa perspectiva psicopedagógica e inclusiva. As idéias aqui elaboradas são oriundas de uma dessas experimentações, ocorridas recentemente.

### Palavras-chave:

Psicopedagogia, Ensino, Aprendizagens, Transcendências, Vínculos e Inclusão.

Por entre permanências: sonhar e aprender

“O esperado não se cumpre  
e ao inesperado  
um deus abre caminho. “  
Eurípides, poeta grego.

“Escrever é libertar  
a emoção.”  
T.S. Elliot

Por ser este texto a expressão do meu desejo de buscar eternizar o vivido e registrar o ocorrido, trato aqui de minha apreensão subjetiva enquanto educador que vivencia a práxis de ser ensinanteaprendente e aprendenteensinante no meu fazer cotidiano voltado a criar novos significados e sentidos para a prática do aprender/ensinar, com o estabelecimento de um modus operandi de ser-e-estar em sala de aula re-criador de vínculos numa perspectiva psicopedagógica e inclusiva.

As idéias aqui elaboradas, oriundas de uma dessas experimentações, ocorridas recentemente em minha trajetória, iniciam-se refletindo sobre as permanências que insistimos manter e nossas infinitas dificuldades de sonhar e aprender a fazer o novo, o diferente.

Fico sempre como um ator em noite de estréia de espetáculo antes de me encontrar, pela primeira vez, com um novo grupo de alunas/os nos cursos de pós-graduação que tenho sido convidado a ministrar pelo Brasil: na expectativa de saber quem são essas pessoas, o que querem, desejam, almejam. Isto porque, no fundo mesmo, quero fazer o que me cabe: gerar inquietação positiva, mas de modo prazeroso e essencialmente criativo, para o refletir sobre nossa caminhada nas trilhas da educação.

Entretanto, lido com as permanências, com os modos de ser-e-estar em sala de aula pautados no já conhecido, no já experimentado e, neste processo, nem sempre re-criar vínculos numa perspectiva psicopedagógica e inclusiva, é tarefa fácil. Cada pessoa trás, em si, uma representação do que seja uma boa aula, do que é ser um bom professor e a diversidade presente neste fato é imensa e geradora da vontade de poder fazer com que tais representações sejam ao menos refletidas, visando principalmente atentar que, na sociedade da informação e da tecnologia, novos paradigmas são essenciais para que haja um evoluir no que se concerne ao processo de construção do conhecimento.

Antigas maneiras de estar em sala de aula ainda permanecem, apesar da evolução ocorrida em outras áreas da vida humana. Sempre que posso, cito Pierre Lévy que nos diz que aliar teoria e prática e aprofundar conhecimentos acadêmicos devem superar os tradicionais modelos do falar ditar do mestre. E neste sentido, surge o sonho de ver, viver

uma outra forma de ensinar e aprender, que está gradativamente se tornando realidade, pois tenho, em minha prática de pesquisador sobre minha própria docência, ousado criar/recriar as Oficinas Psicopedagógicas como estratégias de formação, baseando-se numa metodologia aberta, participativa, dialógica e inclusiva.

Se há algum tempo atrás aprender era necessário, atualmente é absolutamente necessário, pois vivemos em tempos de incertezas, onde coração, razão e pulsão estão em movimento permanente e, por isso, precisamos sempre sonhar e aprender novas maneiras de estarmos no mundo, revendo nossas trajetórias, nossos valores, nossa cotidianidade, nosso modo de vida, de estarmos, todos/as, juntos. Mais do que nunca, urge criarmos novos campos de significado e sentido para o nosso fazer, que deve estar pautado numa ética do humano, num sentir parte de, num movimento de estarmos imersos numa grande busca do humano no humano, pois o humano é “a um só tempo plenamente biológico e plenamente cultural, que traz em si a unidualidade originária”.

É nos movimentos de processar, produzir e desenvolver conhecimento que nos fazemos seres da cultura, imersos na cultura. A estratégia de formação humana baseada nas oficinas psicopedagógicas permite vivenciar aspectos teóricos neste processo cultural: somos, cada um a seu jeito, ensinantes e aprendentes, mediadores singulares e, ao mesmo tempo plurais, visto que somos constituídos sujeitos a partir das interações com os diversos eus com os quais construímos nossas relações objetivas e subjetivas.

Na proposta em tela, é com a formação de grupos operativos e as interações criativas deles oriundos, que a vivência com o diferente ganha corporeidade e as complexidades inerentes aos nossos processos de aprendizagem fazem-se refletidas numa outra perspectiva,

“onde AULA seja sinônimo de prazer, seja convívio da paixão, seja arte do cotidiano, seja espaço de re-descoberta; aprender ocorre a partir de movimentos diários, constantes e dinâmicos, o sujeito consigo mesmo, o sujeito com o outro, o sujeito com o mundo: sempre, e eternamente, haverá algo a ser aprendido e ensinado.”

Sonhar e aprender são permanentes processos em nossa humana busca de encantamento, de beleza, de sensibilidade, de plenitude da Vida. E neste sentido, é essencial criar, resignificar, encontrar outras possibilidades. E nada disso se constrói sem o desejo, sem a potencialidade humana de acreditar e partir daí, criar alternativas, fazer projeções, almejar outras possibilidades. Por entre permanências, sonhar e aprender, mas em nossas aprendizagens, acreditar e criar faz a diferença.

Por entre aprendizagens: acreditar e criar

“Em questão de cultura e saber,  
só se perde o que se guarda,  
só se ganha o que se dá.”  
Antonio Machado

Enquanto educador e ser, de certo modo, um pouco inconformado e inquieto, nunca deixei meu lado de “experimentador” definir e na minha trajetória e prática educativa, sempre tive na busca meu maior movimento: criar a partir do desafio do encontrar novas maneiras de perceber as relações interpessoais, as vivências com aquilo que diferente de mim se apresenta. Somos todos diferentes e temos cada um nossas especificidades, como seres repletos de traços identificatórios que mostram quem somos, ou ao menos quem pretendemos ser.

Tudo o que é próprio de cada um não é originado do nada, pois temos nossa trajetória em imanência no agir/pensar/fazer cotidiano, e por isso mesmo, possuímos nossas próprias permanências, aquilo que Leonardo Boff chamada de nossa dimensão galinha, presos a nossa realidade imediata e, de certo modo, incapazes de irmos mais além.

Assim sendo, acabamos presos também ao ato de resistir, de não querer mudar em nada nossa rotina, ou aquilo que já estamos tão acostumados a ver e a fazer, que não inovamos,

não buscamos uma outra possibilidade, que sempre é existente.

É no ato de olhar de um outro modo que podemos nos ver de maneira mais plena; nos ver no mundo, nos ver com os outros por uma outra janela, por uma outra porta: a porta da mansidão, da afabilidade, da doçura, como nos ensina Pedro Poveda, a porta da fraternura a que todos nós temos direito enquanto seres viventes. Na nossa experiência cotidiana resgatarmos nossas potencialidades de validação e valoração de si mesmo e dos outros, propondo-nos a olhar aspectos positivos nas relações e deixarmos de lado os que assim não são, é grande desafio.

É muito comum ficarmos presos ao lado negativo das experiências que vivenciamos e, de modo geral, pouco provável que tenhamos valorado nossos vínculos com o positivo. Perdemos imenso tempo, gastamos demasiada energia neste sentido e por isso, a proposta das oficinas psicopedagógicas é repleta de estratégias de formação que fazem com que, de um modo ou outro, se resgate o prazer do compartilhar e da busca, a possibilidade de reconhecer que o sonho do crescimento diário não é só de uma pessoa, mas sim de um grupo humano que precisa estar em permanente movimento de reflexão, extremamente necessário para ampliarmos nosso desejo de conhecer o novo e de re-significarmos o que em nós está “velho”, “ultrapassado”, sem sentido real e efetivo.

É no mundo de nossas relações imediatas, nos campos de nossas interações pessoais no espaço-tempo do trabalho, da família, das amizades, enfim, das pessoas com as quais diariamente convivemos, que se dá os desafios da mudança. Não devemos deixar de acreditar nas nossas utopias maiores, mas podemos pensar em um novo jeito de fazermos micro-revoluções em nosso cotidiano, resgatando o prazer de estarmos juntos com os outros e, assim, sermos surpreendidos com um outro gesto, com uma nova forma de olhar, sentir, ser, estar.

O que se propõe é represar a pressa, lançar uma outra possibilidade de, em nossa cotidianidade demasiadamente atribulada, termos tempo de reflexão e estarmos com isso, no aqui e no agora, vivenciando o sublime momento de nossa existência.

Está mais do que evidenciado que são imensos os desafios ao aprenderensinar no emaranhado das muitas informações disponíveis e presentes, cada vez mais e com maior poder de inserção em nossas vidas, na sociedade do conhecimento e da informação que se configura neste nosso século XXI.

Mas um desafio nos é proposto pela UNESCO, a partir dos seus pilares para a educação do século XXI: o resgate de nossos valores humanos, o resgate de nossa ternura, o resgate de nossas subjetividades e de nossas competências solidárias. A nossa sensibilidade e responsabilidade devem residir neste desafio: recriar o paraíso agora para merecer quem vem depois, como nos diz o poeta.

E como fazer isso, lançar-se a tamanho trabalho?

A meu ver, buscando interação permanente e sentido às nossas próprias experiências e existências, resgatando a perene necessidade de continuarmos a aprender, parafraseando Gonzaguinha, com a imensa alegria de sermos eternos aprendizes.

Por entre transcendências: construir e ensinar

“O grão não morre,  
o grão transforma-se,  
o grão transcende.”  
Hamilton Werneck

Transcendências: construção e ensinagem, viagem, ousadia, vivenciar e estar, ser uno, plural, múltiplo. A afetividade como componente próprio do humano é a chave, mola mestra e propulsora de novos encontros. Pressupostos, valores, crenças procedem de onde em minha cotidianidade? Que teorias ficam vinculadas às práticas que exercemos enquanto seres ensinantes-aprendentes? Que sinapses, que conexões são possíveis a partir do encontro entre o que é pessoal e aquilo que é oriundo do meu espaço de inserção social?

Que regularidades e contradições apresentam-se no meu fazer? Onde é possível identificar as relações entre o que acredito estar ensinando, entre o que acredito saber, entre o que é dito e o que não é dito? O que é, de fato, importante, de relevância efetiva para o meu jeito de estar no mundo, junto com os outros, nos processos de nossas próprias inclusões e de nossas formas de atuar e agir? O que eu posso fazer de modo diferenciado e que efeitos isso pode produzir em minha práxis?

Muitas perguntas, muitas possibilidades abertas para a interlocução com os outros. A meu ver, um dos caminhos está no desejar crescer compartilhando, recriando vínculos numa perspectiva psicopedagógica e inclusiva, o que trato a seguir, como conclusão (?) as ideais até aqui elaboradas.

Conclusão (?): Para Crescer e compartilhar: recriar vínculos numa perspectiva psicopedagógica e inclusiva

“ Minha vida, nossa vidas formam  
um só diamante.  
Aprendi novas palavras  
E tornei outras mais belas.”  
Carlos Drummond de Andrade

Há muitas maneiras de ser e estar em Educação. A mais comum, esta vinculada à permanência, a rotina, a tradição pura e simples, ao senso comum, a ausência de consciência, ou como nos dizia Paulo Freire, a consciência ingênua. E o que disso resulta: um fazer por fazer, estar por estar, sem vida, sem sentido, sem gosto, sem paladar, sem cheiro, enfim, sem prazer.

Entretanto existem muitas outras possibilidades e já faz mais de um século que tivemos grandes contribuições oriundas dos pensadores da Escola Nova. De lá para cá, muito já se pesquisou e criou, mas hoje, o grande desafio para crescer e compartilhar é recriar vínculos numa perspectiva psicopedagógica e inclusiva, onde haja relatos do que foi (e é) vivido e ocorro o registro da trajetória, visando a apreensão das transcendências, das memórias, das subjetividades enfim. A partir de uma outra postura, podemos todos, vivenciar efetivamente a relação dialógica entre percepção, cognição, afeto, emoção. Sabemos com Sara Pain que a estrutura da aprendizagem só ocorre com organismo, corpo, conhecimento e desejo inter-relacionados. Conhecendo a importância dos processos de conexão entre psique, corpo, mente torna-se possível a vivencia que ocorre entre “aprendências” e “ensinagens”. O que é preciso, no contexto de construção de subjetividades é permitir que as aprendências sejam espelho do que pode viver no âmbito cognitivo, emocional e afetivo.

Vivenciar processos de aprendizagem associando afeto e emoção no agir/fazer constrói pontes à autoria de pensamento, permite a elaboração de processos mentais cognitivos. É de grande valia referendar a imensa necessidade de criar perspectivas que ampliem as potencialidades presentes em cada um de nós, sujeitos cognoscentes e sempre desejosos de aprender. Neste movimento, o que precisamos sempre é de estarmos abertos aos novos olhares sobre o aprender, percebendo as limitações, mas colocando-as em um outro ponto de destaque, ou seja, sabendo que limites podem ser superados, desde que o desejo assim queira.

Construir processos permanentes de promoção e elaboração de autoria de pensamento, criar perspectivas diferenciadas nos espaçostempos onde atuamos é desafio para que, efetivamente, aconteça processos superiores de inclusão. Neste movimento, análise, síntese e integração de conhecimentos e saberes devem ganhar lugar no fazer do formador. Minha aposta metodológica está pautada no compartilhar recriando vínculos entre o que eu sei e o que aprendi, entre o que já está em mim e aquilo que me é novo, entre minhas imanências e minhas potencialidades de transcendência, entre o que está e o que por vir a ser é aguardado. Psicopedagogicamente, só acredito no agir/fazer repleto de emoção, de criticidade, de risco, ousadia, criatividade e aposta na musicalidade presente na voz de cada aprendente, pois os maiores maestros são aqueles que compreendem que a sintonia é o que faz o diferencial em uma orquestra.

Neste aspecto, espaços de formação, principalmente em cursos de pós-graduação, devem estar pautados para além das dimensões comuns: espaços, formas, interações precisam valorar a trajetória de cada aprendiz, e fazer de cada encontro, aula, curso, uma possibilidade para comunicar, aceitar a diversidade, reeducar, superar entraves, barreiras, limitações. Inclusão exige consciência interior, coragem verdadeira e a primeira postura nossa é assumirmos o quanto ainda perdemos por não estarmos mais abertos, solidários, ternos e generosos. Mas tudo é o caminhar, tudo é o evoluir pois todos nós estamos apenas “acordando para as enormes potencialidades que existem em nosso interior. Em nosso íntimo possuímos uma passagem que nos permite acessar a ordem implícita e alterar a realidade das coisas: o portal da consciência”.

Façamos juntos, então, o uso desta passagem.

### **Bibliografia:**

ALARCÃO, Isabel. Escola reflexiva e nova racionalidade. ArtMed Editora, Porto Alegre, 2001.  
ARMSTRONG, Thomas. Inteligências múltiplas na sala de aula. ArtMed Editora, Porto Alegre, 2001.

BEAUCLAIR, João. Psicopedagogia: trabalhando competências, criando habilidades. Coleção Olhar Psicopedagógico, Editora WAK, Rio de Janeiro, 2004(a).

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. Psicopedagogo/a pesquisador/a: aprendendo outras lições, buscando novos caminhos. Publicado em abril de 2004 no site <http://geocities.yahoo.com.br/simaiapsicopedagoga>

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. Autoria de pensamento, aprendizagens e ensinagens: novos modelos e desafios na produção de conhecimento em Psicopedagogia. Publicado no site da ABPP [www.abpp.com.br](http://www.abpp.com.br), em abril de 2004(b) e no site [www.pedagobrasil.com.br](http://www.pedagobrasil.com.br), em junho de 2004.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_.(org). Psicopedagogia: espaço de ação, construção de saberes. Coleção Olhar Psicopedagógico. Editora WAK, Rio de Janeiro, 2004(c). No prelo.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. Neuropsicologia e Biociências: aprendendo Ecologia Humana com um novo olhar – sobre si mesmo e os outros – a partir da autopoiese. In.: RIBEIRO DO VALLE, Luiza Helena e CAPOVILLA, Fernando César. Temas Multidisciplinares de Neuropsicologia e Aprendizagem. Tecmedd, Ribeirão Preto, 2004.

DI BIASI, Francisco e ROCHA, Mário Sérgio F. da. Caminhos da cura. Editora Vozes, Petrópolis, 1998.

FERNANDÉZ, Alicia. A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Editora Artes Médicas: Porto Alegre, 1990.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. O saber em jogo: a psicopedagogia possibilitando autorias de pensamento. Editora ARTMED, Porto Alegre, 2001.

GARDNER, Howard. Inteligências Múltiplas: a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. Mentis que criam: uma anatomia da criatividade observada através das vidas de Freud, Einstein, Picasso, Stravinsky, Eliot, Graham e Gandhi. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência.: o futuro do pensamento na era da informática. Editora 34, Rio de Janeiro, 1993.

MATURANA, Humberto. A ontologia da realidade. Editora UFMG. Belo Horizonte. 2001.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. Cognição, ciência e vida cotidiana. Editora UFMG; 2001.

MUNHOZ, Maria Luiza P. Complexidade e sistema em Psicopedagogia. Revista Psicopedagogia, número 62, ABPP, São Paulo, 2003.

RESTREPO, Luis Carlos. O direito à ternura. Editora Vozes, Petrópolis, 1998.

SACRISTÁN, J. Gimeno. Compreender e Transformar o Ensino. Porto Alegre/RS: Artes Médicas, 1998.

SILVA, M. C.A. Psicopedagogia: em busca de fundamentação teórica. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1998.

SOARES, Dulce. Os vínculos como passaporte da aprendizagem um encontro D'ÉUS. Editora Caravansarai, Rio de Janeiro, 2003.

WEIL, Pierre. O Corpo Fala: A Linguagem Silenciosa da Comunicação Não-Verbal. Petrópolis, Vozes, 1986.

**Prof. João Beauclair**

Psicopedagogo, Arte-educador, Mestre em Educação

E-mail: [joabeauclair@yahoo.com.br](mailto:joabeauclair@yahoo.com.br)

Homepage: <http://www.profjoabeauclair.net>